



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO - UNIVS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIA THAYMARA LIMA DA SILVA

**A EVASÃO FEMININA NAS AULAS ESPORTIVIZADAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR.**

**ICÓ – CEARÁ
2022**

MARIA THAYMARA LIMA DA SILVA

**A EVASÃO FEMININA NAS AULAS ESPORTIVIZADAS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale Do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Ms. Erika Suyanne Sousa Silva

ICÓ – CEARÁ
2022

**A EVASÃO FEMININA NAS AULAS ESPORTIVIZADAS DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Aprovado em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Erika Suyanne Sousa Silva
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientadora

Prof. Ms. Evandro Nogueira de Oliveira
Centro Universitário Vale do Salgado
1º examinador

Prof.^a Ms. Edna Ferreira Pinto
Centro Universitário Vale do Salgado
2º examinador

RESUMO

Historicamente a mulher possui o seu papel sempre comparado ao do homem. Na educação, não foi diferente, diante os seus contextos históricos tiveram pouco ou nenhum acesso, gerando situações que excluem e perduram até hoje, principalmente nas aulas de Educação Física. O objetivo desse estudo foi refletir sobre a evasão das mulheres nas práticas esportivizadas da educação física escolar. A metodologia utilizada se deu por meio de um estudo qualitativo, bibliográfico e de revisão narrativa da literatura. Foi apresentado um quadro síntese com os estudos selecionados que nortearam a construção da discussão. Nesse sentido, de maneira geral, foi possível observar em relação aos resultados dos artigos que há uma separação das meninas e dos meninos nas aulas educação física, apontando violência nas aulas, menor socialização e exclusão das meninas por serem consideradas como sexo frágil.

Palavras-Chave: Mulheres. Evasão. Esportes.

ABSTRACT

Historically, the woman has her role always compared to that of the man. In education, it was no different, given their historical contexts they had little or no access, generating situations that exclude and persist until today, especially in physical education classes. The objective of this study was to reflect on the evasion of women in the sportive practices of school physical education. The methodology used was through a qualitative study, bibliographic and narrative review of the literature. A summary table was presented with the selected studies that guided the construction of the discussion. In this sense, in general, it was possible to observe in relation to the results of the articles that there is a separation of girls and boys in physical education classes, pointing out violence in classes, less socialization and exclusion of girls because they are considered the weaker sex.

Keywords: Women. Evasion. Sports.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	9
2.1 Relações de Gênero na Educação Física: um espaço fértil para a busca da desconstrução.	10
2.2 A evasão das mulheres nas aulas de Educação Física e o papel do professor como aliados para a formação cidadã.....	12
3 DISCUSSÃO	16
3.1 Discussões da Revisão Narrativa.....	17
3.2 Fatores da evasão de mulheres nas aulas de Educação Física.....	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a mulher possui o seu papel sempre comparado ao do homem. Na educação, não foi diferente, diante os seus contextos históricos tiveram pouco ou nenhum acesso, gerando situações que excluem e perduram até hoje, principalmente nas aulas de Educação Física, limitando às atividades apenas em práticas esportivas, selecionando os mais hábeis e mais fortes, o que acarreta na discriminação e segregação de gênero.

Existiram e perduram atualmente muitas barreiras, principalmente no que diz respeito à mulher ser destinada a procriar e ser esposa, desempenhando dessa forma um papel secundário comparado ao homem. Segundo Saffioti (1976), no Brasil, por volta do século XIX, a educação de mulheres era muito restrita, inclusive escolas eram separadas por sexo com uma grande diferenciação em seus currículos. A educação para as mulheres voltava-se para a educação primária com forte apelo para a educação moral (CRUZ; PALMEIRA, 2009). Esses fatos ainda persistem por vezes na sociedade, disseminando culturas de preconceito e exclusão social, principalmente nas aulas de Educação Física.

Os estudos de gênero e sexualidade são utilizados nesta pesquisa como ferramenta para a emancipação das mulheres. Embora o assunto gênero seja apontado recentemente nos debates da educação física e muito complexo, a discussão vem se expandindo entre muitos estudiosos. Um dos incentivos das novas pesquisas da área propõe analisar até que ponto há divisão do modelo tradicional de educar o corpo em movimento com separação de sexo. Dessa forma, surge como um dos desafios na exploração das práticas pedagógicas da educação física identificar e compreender as formas de permanência e superação das diferenças biológicas (DUARTE; MOURÃO, 2006).

Na educação física, onde ainda existem resistências nas atividades práticas, às diferenças biológicas entre os sexos acabam resultando em separação e hierarquização entre homens e mulheres. Sousa e Altmann (1999) dizem que mesmo com a criação das escolas mistas, isso acontece rotineiramente, ou seja, as pessoas preferem enxergar a mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e o homem como força e razão. As especificidades ditas como masculinas, sejam por normas, objetos, técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino diversos na educação física, sobretudo nos esportes, fazem com que as mulheres se sintam inferiores e se recusem a participarem das aulas.

Compreende-se que, para montar um perfil de conquista igualitária na educação física escolar, é necessário que alunos e alunas pratiquem técnicas de movimentos que promovam confrontos desafiadores entre ambos os sexos. Provavelmente, um dos motivos para que isso não aconteça, é justamente as meninas acreditarem no que a sociedade impõe sobre seus corpos,

conhecidos como delicados e menos hábeis que dos meninos, tornando-as incapazes de participarem da disciplina, principalmente quando seu conteúdo é esporte (SARAIVA, 2005).

Altmann (2015) constatou que habilidades para modalidade esportiva não consiste em excluir meninos e meninas de determinado esporte, pois cada indivíduo carrega consigo sua própria habilidade. Esse aspecto fica evidenciado quando se observa os jogos escolares mistos, onde se percebe claramente que os meninos tocam mais a bola durante os jogos, ou as próprias meninas se recusam a jogar com meninos por receio ou medo de se sentirem excluídas, por não saberem jogar ou até por não serem motivadas.

A educação física, compreendida como cultura corporal, no que concerne trabalhar à questão de gênero, precisa oportunizar meios para que meninos e meninas convivam e sejam tolerantes, fazendo uso do respeito mútuo e buscando a não discriminação, compreendendo as diferenças entre os sexos, onde essa diferença não corresponde à desigualdade de condições na elaboração da corporeidade entre alunos e alunas (ADELMEN, 2003).

É de extrema importância ter conhecimentos acerca da temática apresentada, principalmente pelo fato de que muitas mulheres em alguma fase escolar já sofreram ou sofre algum tipo de discriminação nas aulas de educação física. Além do mais, percebe-se que as aulas de educação física na escola acabaram se tornando algo como uma disciplina predominantemente prática, principalmente por ter passado por tal processo de esportivização, ou até mesmo de ser mais cômodo para os professores, o que ocasiona a falta de inclusão entre meninos e meninas, gerando desde o ensino infantil, a desunião entre os gêneros.

Nesse contexto, apesar da sociedade esperar comportamentos diferentes em ambos os sexos, algumas crianças vão de contra a isto, pois o que se espera são meninas e meninos que pratiquem atividades esportivas de acordo com o que imposto ao seu gênero biológico. Grande exemplo é que quando a menina aparenta ser mais agitada e gostar de esportes considerados de meninos, é tratada como masculinizada e sofre inúmeros preconceitos, enquanto meninos com a mesma conduta são vistos como normais e sadios. Apesar destas restrições históricas, alterações vêm acontecendo e aos poucos muitas mulheres vêm praticando atividades físicas, porém ainda há muito que resistir e mudar.

É necessário dar criticidade aos educandos quanto às práticas corporais presentes na sociedade. Com isso, o presente estudo em meio a pesquisas bibliográficas tem como objetivo geral: **Refletir sobre a evasão das mulheres nas práticas esportivizadas da educação física escolar.**

Ademais, no tópico do Revisão de Literatura, o trabalho aborda assuntos relacionados à temática gênero de forma relacionada apenas ao conjunto das representações sociais e culturais

construídas a partir da diferença biológica dos sexos, em uma questão que se debruça sobre seus aspectos que geram a exclusão e o preconceito, sem se ater às suas questões ideológicas e categóricas. No capítulo da metodologia, o trabalho faz uso da abordagem qualitativa, com cunho bibliográfico e usufruindo da Revisão Narrativa da literatura, sendo menos criteriosa, onde foram realizadas buscas de trabalhos com fundamentações teóricas e fontes sobre o assunto considerado no trabalho.

Para que possa haver de fato uma reflexão ao final deste trabalho, indaga-se o seguinte questionamento: **Quais os principais motivos da evasão das mulheres nas práticas esportivizadas da educação física escolar?**

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Relações de Gênero na Educação Física: um espaço fértil para a busca da desconstrução.

Romper com práticas que geram exclusão, abre possibilidades de desconstruir concepções que perpetuam as desigualdades. Os debates sobre gênero têm papel fundamental na educação. Neste âmbito, são ofertados diversos documentos essenciais a serem discutidos, um deles, são os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), diretrizes elaboradas para orientação da educação no Brasil, tanto na rede pública, quanto na privada. Este documento mesmo sendo alvo de críticas para muitos, e não possuindo caráter obrigatório, possui um referencial de qualidade, abordando o tema da orientação sexual, sob o enfoque das relações de gênero, colocando em debate a hierarquização entre homens e mulheres (BRASIL, 2001).

Sendo o tema orientação sexual, o de mais enfoque para os PCNS, as questões de gênero, por vezes se mantém isoladas, o que acarreta muitas críticas de alguns pesquisadores que debatem estudos de gênero educacional. Estes, por sua vez enxergam que os PCNS reforçam as diferenças entre meninos e meninas por meio de enfoque prioritariamente biológicos.

Se, por um lado, está citação insinua uma crítica à naturalidade do corpo através da afirmação de variações culturais, por outro, ao final do trecho, a sexualidade é reinscrita como um invariante histórico, uma entidade natural que perpassaria todas as culturas ainda que se manifeste nestas de formas diferentes. Ainda que o documento admita manifestações diversificadas da sexualidade, ele não problematiza a categoria sexualidade sob o ponto de vista de sua constituição histórica, da mesma forma que em relação a outras categorias, como homossexualidade e heterossexualidade. (ALTMANN, 2001, p. 7)

Trabalhar a equidade de gênero na escola, realmente é muito complexo, seja por falta de condições de trabalho, de formações na área ou até mesmo pelo fato da falta de interesse de alguns professores. Neste cenário, é necessário que os professores façam buscas relacionadas há possibilidades de conquistarem uma parceria mais efetiva entre a escola e os estudos de gênero, e os PCNS, mesmo criticados por debaterem mais questões de orientação sexual e demandas relativas às doenças sexualmente transmissíveis, mostrando em seu contexto teórico a concepção do gênero como uma forma de desconstruir relações de dominação entre homens e mulheres, e a superação da desqualificação de um em favor do outro e da quebra de integração possível entre o masculino e o feminino, apenas (BRASIL, 2001).

Constantemente, na prática, os professores de educação física se deparam com fragilidades durante o processo de ensino-aprendizagem no que engloba ao trabalho com o conteúdo gênero. Isso acontece por não ocorrer um compromisso pedagógico que envolva os

alunos como um todo, o que, frequentemente, acaba gerando grande evasão das meninas na prática, ou até mesmo deixando de lado quem poderia desenvolver algum tipo de amor pela prática esportiva (ALTMANN, 1998). Essa precariedade deve ser explorada, por essa razão a questão de gênero deve sim ser discutida nas aulas de educação física.

Acredita-se que é necessário criar situações que rompam com questões de gênero para que um ou outro possa desenvolver as mesmas atividades. Os professores devem estar dedicados a elaborar possibilidades para ambos, desconstruindo assim, os assuntos de gênero. Nessa perspectiva, a educação física como componente curricular da educação básica visa inserir e fazer com que todos, mediante gênero, possam interagir de forma completa, pois igualdade não é deixar de lado as diferenças, mas dentro delas trabalhar para englobar todos de forma que, fazendo da diferença de cada um, a força do outro (ALTMANN, 1998)

A exclusão é um assunto bem complexo de ser abordado, assim como as dificuldades encontradas pelas alunas que são e que se sentem excluídas das práticas durante as aulas. Para que se possa discutir o assunto de um modo mais claro, é fundamental identificar os problemas da exclusão para o melhor entendimento e esclarecimento. É importante assimilar qual é o papel de cada um nessa questão, tanto do professor quanto dos alunos que excluem e dos que se sentem excluídos (LOPES, 2008).

Diversas pesquisas apontam que na educação o estudo de gênero faz referência à resistência cultural e a efetiva cooperação feminina nas aulas mistas de educação física. As diferenças do desempenho motor das meninas durante o esporte de acordo com Brito e Santos (2013) é o que vem ocasionando o grande problema enfrentado nas aulas em conjunto com os meninos, gerando exclusão. É necessária a construção de práticas que respeitem as características e individualidades das adolescentes que frequentam a escola, para que assim, as mesmas possam se sentir acolhidas e participarem das aulas constantemente.

Nota-se nas aulas de educação física grande falta de interesse do público feminino, e esse cenário ocorre por inúmeros motivos, sendo até mesmo pela a falta de incentivo nas aulas mistas por parte dos professores. Com os avanços que a educação física vem conquistando no mundo contemporâneo, que preza a favor da cultura corporal, é inadmissível a falta de participação feminina nas aulas práticas, principalmente em acreditar que a formação escolar está veiculada ao sentido de preparação (SALVADOR, 2010).

Faz-se necessário compreender que diversos fatores acometem a falta de participação nas aulas, principalmente pelo fato de que as mulheres durante muitos anos tiveram seus direitos limitados em diferentes âmbitos, e mesmo que no decorrer do tempo essa situação comece a se modificar, tendo como resultado grandes movimentos sociais, isso ainda acaba sendo uma forte

influência para se sentirem limitadas. O feminismo é um destes movimentos, surgido em meados do século XIX para o XX, e que ajudou as mulheres a possuírem voz diante da sociedade e a lutarem por seus direitos (LOURO, 2011).

No entanto, o determinismo biológico, representado pela palavra sexo, foi originado na biologia que buscava por generalizações e homogeneidades. Este é caracterizado pela ideia de corpo natural, onde homens e mulheres constroem o masculino e feminino unicamente pelas diferenças anatômicas (CAVALEIRO; VIANNA, 2010). A partir desse contexto, passa-se a considerar as construções sociais e históricas do corpo.

A prática social tem uma dimensão social. O conceito de cultura que mais se adequa a este estudo baseia-se como produto da sociedade onde os sujeitos pertencem. Antes mesmo de nascer, o ser humano já sofre influências da cultura, que deixa marcas em seu corpo através de limitações e controles. O corpo se modifica por meio de estímulos, representando a sua cultura. A sociedade acaba impondo expectativas em relação aos comportamentos distintos para homens e mulheres (FILHO, 2005). Estes processos implicam nas práticas esportivas nas aulas de educação física, pois o professor acaba por vezes reproduzindo tais comportamentos, o que tem gerado mulheres a desistirem das aulas esportivizadas.

2.2 A evasão das mulheres nas aulas de Educação Física e o papel do professor como aliados para a formação cidadã

O professor tem um papel fundamental para que a aula aconteça de forma satisfatória, como afirmam González e Bracht (2012), que a intervenção do professor durante a aula é fundamental e suas tarefas em si têm pouco resultado se a experiência não for acompanhada de informações e reflexões sobre os conteúdos que se pretendem ensinar com sua realização. As concepções e reflexões dos alunos são essenciais para a construção do conhecimento, afinal corrobora o pensamento de que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 25).

O processo de ensino e aprendizagem ocorre quando aquele que ensina se dispõe a aprender enquanto o faz e o que aprende se dispõe a trocar experiências e conhecimentos. Ressalta Freire (1996, p. 25) "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender". Percebe-se que a troca de conhecimentos é mútua, e o professor não detém o saber, tem propriedade para trazer a luz da reflexão um embasamento teórico sobre o assunto combinado ao empirismo dos alunos. Corrobora Brehm (2021, p. 17) "professor de Educação

Física trabalha com a totalidade do corpo humano, tanto no seu aspecto motor, quanto no cognitivo e subjetivo”.

A evasão escolar precisa ser vencida, o interesse de se estar em sala de aula atribui valores conforme a integração afetiva, cognitiva e motora como,

O conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão. O conjunto motor oferece a possibilidade de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, as reações posturais que garantem o equilíbrio corporal, bem como apoio tônico para as emoções e sentimentos se expressarem. O conjunto cognitivo oferece um conjunto de funções que permite a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, ideias e representações. É ele que permite ainda registrar e rever o passado, fixar analisar o presente e projetar futuros possíveis e imaginários (BREHM apud MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 18).

É necessário a conexão do ensino com o desejo de aprender e para isso, o aluno, ou o ser que aprende precisa estar em sintonia com quem ensina, gerando assim a interação com o professor mediador ou facilitador da aprendizagem. Em consequência diminui a evasão, pois há um espaço propício para a aprendizagem, reflexão e prática no espaço escolar.

A prática esportiva além de contribuir com a aprendizagem, disciplina, desenvolvimento físico e motor corrobora com a formação cidadã, como afirmam Pinheiro et al. (2020, p. 1) “A Organização Mundial da Saúde defende que o esporte é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano. A prática esportiva promove a autoconfiança, a saúde e o empoderamento dos jovens, bem como, tem importante papel social na formação cidadã”.

Porém, ao consideramos a fase da adolescência como o período de construção da identidade do ser, de formação de personalidade e de fortes tendências, essa fase é marcada pela estadia no ensino médio, do qual o aluno está em constante participação ativa e desenvolvimento do ser.

No Ensino Fundamental, especificamente nos Anos Finais, a escola pode contribuir para o delineamento do projeto de vida dos estudantes, ao estabelecer uma articulação não somente com os anseios desses jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio. Esse processo de reflexão sobre o que cada jovem quer ser no futuro, e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social. (BREHM, apud BRASIL, 2018, p. 62).

A Educação física, por se tratar culturalmente de um conteúdo que engloba teoria e prática, deve-se utilizar do universo da cultura corporal de movimento de forma pedagógica. Quanto ao aluno, esse exerce um papel ativo ou passivo. Para que ele seja ativo, se faz necessário que participe com efetivação nas reflexões em sala, elaborando suas respostas com

base na teoria e na experiência. Dessa forma, podemos verificar que o modo como o professor conduz a aula interfere na aprendizagem do aluno (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Para que haja satisfação no ensino e aprendizagem, o professor e o aluno devem construir os conhecimentos em parceria, cujo aluno desempenha seu papel ativo, colaborando com sua aprendizagem e participando das reflexões proporcionadas pelo professor que articula o ensino mediado pela reflexão e prática argumentativa com criticidade. Desse modelo, a educação física pode contribuir com a formação integral de alunos autônomos em suas tomadas de decisão na vida cotidiana.

3 METODOLOGIA

Foi elaborada uma pesquisa bibliográfica do tipo de revisão narrativa de literatura com abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2012) caracteriza-se em auxiliar o pesquisador, utilizando dos ensinamentos acerca das relações de conhecimentos e opiniões de cada indivíduo de acordo com a sua concepção. Apresenta princípios de conduzir o pesquisador. Os dados são interpretativos, com maior interferência da subjetividade do pesquisador. A abordagem é mais reflexiva.

Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliografia é construída através do apoio de materiais já elaborados, baseando-se principalmente em livros e artigos científicos. Por mais que em algumas pesquisas seja exigido algum tipo de trabalho nesse sentido, há estudos que são inteiramente elaborados através de fontes bibliográficas.

Colaborando com o autor logo acima citado, Marconi & Lakatos diz que,

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.182).

Nesse contexto de Revisão Narrativa, foram utilizados para busca, livros, revistas, jornais, artigos e outras fontes de publicações impressas ou virtuais que tematizem o objetivo proposto, e que serviram de base para a construção da revisão de literatura desse artigo para compreensão e explanação do tema.

A pesquisa tem como intuito conseguir uma maior abrangência dos estudos publicados. Foram determinados os seguintes descritores: Mulheres, Evasão e Esporte, associadas pelo operador booleano “AND”. Para a realização da busca dos descritores, foi feita pesquisa para validação dos mesmos em: <http://decs.bvs.br/>.

Sobre os critérios de inclusão/exclusão, dentro da pesquisa narrativa, não utilizamos critérios sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não se esgotou as fontes de informações, foram livres. Não se aplicou também estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações estão sujeitas à subjetividade dos autores. Para refinar a busca, apenas foram utilizados textos em português, que serão selecionados para uma leitura prévia, onde foram excluídos por ventura aqueles que não atendem à temática.

Após a seleção, foram analisados minuciosamente e analisados de acordo com o ponto de vista dos autores, ou seja, através de uma análise crítica do objeto de estudo foram montados pequenos resumos sobre cada trabalho escolhido. A discussão discorre através de categorias criadas para expor os resultados obtidos através das leituras e resumos dos trabalhos.

A relevância social desta pesquisa, parte da reflexão que precisa existir quanto ao resgate de alunas que se evadem das aulas esportivizadas de educação física e o que pode e deve ser realizado para mudar essa realidade que não é condizente com o propósito de ensino da educação física escolar brasileira.

4 DISCUSSÃO

4.1 Discussões da Revisão Narrativa.

Conforme os resultados obtidos através da revisão narrativa, e após a leitura dos estudos escolhidos, o Quadro 01 apresenta os artigos que nortearam a construção desse trabalho:

Quadro 01. Características principais dos estudos analisados

Autores	Objetivo	Tipo de estudo	Características Do Estudo	Principais resultados
Delgado, Paranhos e Vianna (2010)	Identificar os fatores que levam a não participação das alunas do ensino médio nas aulas de educação física escolar.	Descritivo – exploratório	Participaram deste estudo descritivo de cunho qualitativo 24 alunas do ensino médio na faixa etária de 15 a 18 anos de idade - 12 estudantes de uma escola do ensino público e 12 de uma escola do ensino privado do município do Rio de Janeiro.	Obteve-se como resultado que ao contrário do que é encontrado na literatura, a participação das alunas é satisfatória. A não diversificação dos conteúdos abordados, além da discriminação por parte dos meninos colegas de turma, que excluem as mesmas das atividades de aula, são fatores que contribuem para a não participação de algumas jovens, porém ainda assim as alunas gostam das aulas.
Souza (2012)	Analisar quais fatores contribuem para a evasão das alunas das aulas de Educação Física no Ensino Médio.	Descritivo	O universo da pesquisa foi o Centro Educacional Pompílio Marques de Souza na cidade satélite de Planaltina – DF, onde foi realizada a pesquisa com alunas do 3º “A” do Ensino Médio. O retorno foi de 19 questionários respondidos e validados.	Foi encontrado um índice de 31% das alunas que mencionaram o fato de existir prática excessiva de esportes.
Matos et al., (2016)	Verificar por meio de revisão	Revisão Sistemática	Realizado nas bases de dados	Observou-se nos artigos selecionados uma forte influência

	<p>sistemática as implicações da possível participação ou/não participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar.</p>		<p>do Portal de Periódicos CAPES e do Lilacs, e nas revistas científicas Motrivivência e Educação Física em Revist.</p>	<p>construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física. Estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade, assim como a escola acabam por reforçar mais ainda essa superioridade masculina.</p>
<p>Monteiro (2016)</p>	<p>Discute a naturalização das diferenças de gênero e sua relação com as aulas de Educação Física, a partir de significados construídos por estudantes.</p>	<p>Abordagem de cunho qualitativo</p>	<p>Foram realizadas dez entrevistas com alunos do sexo feminino e masculino de diferentes turmas do terceiro ano do ensino médio.</p>	<p>Os resultados demonstram que ao final do ensino médio na escola estudada, a Educação Física atua reforçando estereótipos, com os/as alunos/as representando o masculino como superior e as mulheres como frágeis. Outra descoberta foi que a habilidade motora é importante critério de inclusão/exclusão independente do sexo.</p>
<p>Pires (2021)</p>	<p>Analisar como o modelo do Sport Education influencia as questões de gênero presentes em aulas de Educação Física escolar</p>	<p>Qualitativo e longitudinal</p>	<p>Os dados foram produzidos por um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual Paulista (UNESP) em parceria com uma escola pública de Ensino Médio do interior do estado de São Paulo por três anos (2017 a 2019).</p>	<p>As questões de gênero, muito presentes na sociedade, se refletem nas aulas de EFE, contudo, há possibilidades pedagógicas, como o modelo SE, que auxiliam na inclusão de todos, principalmente as</p>

	no Ensino Médio			alunas, devido as principais características da abordagem.
--	-----------------	--	--	--

A partir do quadro acima, é possível ampliar a discussão referente à temática proposta como as lacunas metodológicas no processo de evasão feminina nas aulas esportivizadas, como também, compreender as limitações. Nesse sentido, de maneira geral, foi possível observar em relação aos resultados dos artigos que há uma separação das meninas e dos meninos nas aulas educação física, apontando violência nas aulas, menor socialização e exclusão das meninas por serem consideradas como sexo frágil (DELGADO; PARANHOS; VIANNA, 2010; SOUZA, 2012; MATOS et al., 2016; MONTEIRO, 2016; PIRES, 2021).

4.2 Fatores da evasão de mulheres nas aulas de Educação Física

Essa divisão por sexo nas aulas de educação física foi esclarecida por várias pesquisas, e pode ser explicada por diversos motivos, como as diferenças de habilidades e força existente entre os gêneros. Desse modo, ressalta-se que as aulas de educação física acabam fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, fazendo com que sujeitos masculinos e femininos acreditem no predomínio de uma tradição biológica e tecnicista arraigada na história e nas práticas da educação física escolar, nas quais predominam a prática desportiva e a divisão das atividades entre meninos e meninas, como nos afirmam MATOS et al., (2016).

Monteiro (2016) afirma que, durante as entrevistas, pôde-se notar que os alunos em vários momentos realizaram afirmações que naturalizam aspectos relacionados ao desempenho durante as aulas, aos gostos individuais dos discentes. Essas falas baseavam-se em conceitos biológicos e deterministas, não considerando os aspectos culturais das relações sociais. Conforme os dados obtidos, alguns entrevistados demonstraram considerar “natural” o desempenho melhor dos homens nas atividades físicas e a falta de interesse das mulheres. Isso causa um desequilíbrio nas relações de poder existentes durante a aula, pois a predominância masculina é vista como normal, provocando impactos em suas construções identitárias.

Já no estudo de Delgado, Paranhos e Vianna (2010), através das informações levantadas, pode-se notar que, ao contrário de algumas pesquisas, a participação das meninas nas aulas de educação física é importante, mas não é regular. Observa-se que entre os fatores responsáveis pelo desinteresse em relação às aulas foi encontrado a falta de diversificação dos conteúdos e a

discriminação exercida pelos meninos ao excluírem as mesmas nas práticas esportivas competitivas. Um fator a ser destacado nos dados é a possibilidade de desinteresse em participar das aulas não esteja na percepção da educação física como uma disciplina escolar sem importância, mas em algumas atividades em particular, especialmente nas quais as jovens notem em si habilidades para a prática.

No estudo de Pires (2021) a partir das observações feitas nos diários de campo durante os três anos de implementação do projeto, foi notado que as meninas não participam das aulas alegando questões de saúde, motivos variados, tais como a extração de dente, bursite, entre outros, que estão presentes nos documentos. Em outros documentos foram observados que os meninos têm uma participação mais assídua e engajada nas aulas, e que inúmeras vezes limitam as meninas das práticas, preferindo jogar com outros meninos mais habilidosos. Dessa forma, um dos principais motivos para a baixa participação das meninas nas aulas é a exclusão e discriminação por parte dos garotos com as alunas durante a prática do jogo.

Dessa forma, ressalta-se que a grande parcela das mulheres não se interessa pelas aulas de educação física escolar, apontando no estudo de Souza (2019) como motivos: a aula ser desinteressante, falta de material adequado, o preconceito dos meninos e a falta de incentivo dos professores. Nesse sentido, percebe-se que a maioria das alunas gosta do componente Educação Física, o que as desgostam é a forma com que as aulas estão sendo ministradas, no que se refere à metodologia, escolha de conteúdos e, ainda a falta de material e espaço adequado (SOUZA, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se destacar que, a contextualização de gênero nas aulas de educação física escolar apresenta-se como uma tarefa difícil e que precisa ser solucionada, pois a cultura da sociedade

acaba por reproduzir na escola, e principalmente, na disciplina de educação física, uma hierarquização entre os gêneros, que resultam em uma prática que, inúmeras vezes, ocasiona uma distinção entre os alunos.

Através dos achados nas literaturas científicas, pode-se concluir que as possíveis implicações da não participação das meninas nas aulas de educação física escolar foram construídas ao longo dos anos e estão enraizadas historicamente, predefinidas pela sociedade, onde quem pratica esportes são pessoas do gênero masculino, e que as mulheres estão apenas estabelecendo papéis secundários, dando ênfase a superioridade da força masculina.

Outro ponto importante, é que uma das soluções para a inserção feminina nos esportes é que os docentes estejam aptos a estimular e motiva-las a aflorar o desejo pela prática de atividade física escolar, demonstrando os seus benefícios e o quão prazerosa poder ser as aulas, desenvolvendo estratégias de ensino com aulas criativas, atividades lúdicas e metodologias ativas, com o intuito de diminuir a evasão das alunas na aulas.

Ademais, este estudo não deve esgotar-se aqui, espera-se que possa se construir novas pesquisas relacionadas à temática, com possibilidade de novas discussões sobre a construção de estratégias que venham a diminuir a evasão das mulheres nos esportes, considerando que há uma carência de produções nesse campo de estudo.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.11, n.2, p. 445-465. p. 445-465. 2003,

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 575-585, 2001.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. (Dissertação de mestrado em educação). Belo Horizonte. UFMG. 1998. p. 111.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em 24 mai. 2022.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Educação Física. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BREHM, E. M. **O papel do professor de educação física na escolha profissional dos alunos: reflexões acerca das práticas esportivas**. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Educação Física. Santa Rosa, 2021.

BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 27, p. 235-246, 2013.

CAVALEIRO, M. C.; VIANNA, C. **Chutar é preciso? Masculinidades e educação física escolar**. In KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. (org) Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI. 1ed, Jundiaí: Fontoura, 2010.

CRUZ, M. M. S. E PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na educação física escolar. **Motriz – revista de educação física**. v. 15, n. 1, p. 116 – 131, 2009.

DELGADO, D. M.; PARANHOS, T. L.; VIANNA, J. A. Educação Física escolar: a participação das alunas no ensino médio. **Efdeportes, Buenos Aires**, v. 14, n. 140, 2010.

DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. **Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física**. Movimento, 12 (3), 227-248, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos e pesquisas**. 4ª ed. São Paulo: Atlas 2002.
GONZÁLEZ, F. J. BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.
LOPES, M. C. In/exclusão escolar: a invenção de tipos específicos de alunos. **Revista Colombiana de Educación**. Bogotá, n. 54, p. 96-119, fev. jun. 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: PEPSIC, 2005.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.

MATOS, N. R. et al. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MONTEIRO, M. V. P. Gênero e a naturalização das diferenças na Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 1, n. 1, p. 53-71, 2016.

PINHEIRO, J. S. et al. Esporte e escola: uma proposta de inclusão e formação cidadã. In: **5º Salão de pesquisa, extensão e ensino do IFRS**. 2020.

PIRES, A. H. R. **Educação física escolar e sport education: as questões de gênero em aulas no ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, 2021.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paulista de enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SOUZA, E. S. E ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos cedes. Ano 19, n. 48, p. 52 – 68, 1999.

SOUZA, H. F. **Educação física no ensino médio: só para rapazes?**. Trabalho monográfico do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Pólo de Alto Paraíso – GO, 2012.